

# ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

## Sobre escrita (na academia) que refaz nascentes

### *About writing (in academy) that remakes springs*

Áurea Alves Cardoso  \*

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

#### Palavras-chave:

escrevivência; escrita  
amazônida;  
ribeirinhagem

**Resumo:** A tecitura do presente texto é uma espécie de rememoração de certa escrita, na academia, que se dá não a partir de constructos teóricos a respeito de interseccionalidades, por exemplo, e sim acionando, sobretudo, saberes presentes numa corpa ~ coletiva ~ enquanto mulher amazônida com pertenças originárias e indígenas, paraense e palestinese; das margens do Araguaia; filha/neta/bisneta de quebradeiras de coco babaçu... A escrita que segue é expressão dessa corpa encantada no encontro com as águas de minhas mais velhas, de saberes ancestrais e construções textuais, especialmente, de mulheres originárias e africanas.

#### Keywords:

escrevivência; amazon  
written; riberinhagem

**Abstract:** The process of writing this paper is a kind of reminiscence in action, not given by theoretical constructs regarding intersectionality. But it triggers knowledge found in a 'corpa' collective - as an 'amazônida' woman of original and indigenous affiliation, paraense and palestinese from the banks of the Araguaia River; daughter, granddaughter, great-granddaughter of babassu coconut breakers... The following writing is the enchanted expression of this 'corpa' about the encounter with the waters of my elders, the ancient knowledge and textual constructions, especially the original and African women.

No início de 2022, estava entrando na reta final da escrita da tese *Mulheres do Araguaia ~ LABUT(AR), uma expressão do viver* (Cardoso, 2022),<sup>1</sup> do curso de doutorado em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Parte significativa do processo de doutoramento estava sendo vivido durante a Pandemia de Covid-19 ~ período de intenso medo, principalmente antes do surgimento da primeira leva de vacinas contra o vírus. O mundo parecia desabar. Sob máximas capitalistas do tipo “o país não pode parar”, pessoas negras foram impedidas de ficar em suas casas em isolamento, desse modo, em contexto urbano, elas foram as mais expostas ao longo da pandemia.<sup>2</sup> O Auxílio Emergencial<sup>3</sup> não chegou a todes que

\* Endereço para correspondência: Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, bloco O. Gragoatá - Niterói - RJ, Brasil. CEP: 24210-201. E-mail: [aureaaraguaia@gmail.com](mailto:aureaaraguaia@gmail.com)

<sup>1</sup> Tese financiada pela CAPES e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense em dezembro de 2022.

<sup>2</sup> Dados da FIOCRUZ, apresentados após o primeiro ano de pandemia, apontavam que a população negra era a que mais morria por COVID-19 (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

<sup>3</sup> Benefício financeiro criado pelo Estado com finalidades oficiais de proporcionar renda mínima para pessoas em maior grau de vulnerabilidade social ao longo da pandemia.



precisaram e, quando chegou, não foi suficiente para garantir o básico para as despesas familiares (pagar aluguel, alimentação, água, luz, gás...).

No meio indígena, o Coronavírus se alastrava assustadoramente levando à morte imensa quantidade de habitantes. Devido a costumes coletivos, era inviável manter isolamento uns dos outros. Em números proporcionais ao tamanho de sua população, segundo dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ, 2022), até o final de 2021, os povos originários foram os mais afetados no Brasil devido falta de estratégia para evitar a contaminação, assim como baixa cobertura vacinal.

Diante dessa realidade e da interpelação do mercado de que o Brasil não poderia parar, que os mais pobres deveriam ser sacrificados para manter operante a máquina de moer gente, escrever uma tese parecia insano. Fiquei durante quase um semestre sem conseguir me aproximar da escrita. Acompanhava, angustiada, os números de afetados e mortos no estado do Pará, a aproximação do Coronavírus de Palestina do Pará/PA (minha cidade natal, onde moram meus familiares), assim como a chegada desastrosa e disseminação entre povos originários pelo país. Os ventos fortes do inverno sudestino ~ em tempos de verão na Região Norte ~ me deslocaram da espera catastrófica, qual folhas das árvores em um vai e vem frenético.

Os galhos com as folhas chegavam a lugares inimagináveis, parecia que iam quebrar. Envergavam em várias direções. As partes das folhas que, geralmente, ficam para baixo, mostravam a beleza de suas cores e texturas.... Lhes era oportuno saudar o sol mostrando seu encanto e força. Os pássaros, desacomodados dos galhos em dança livre, voavam silenciosamente, pareciam escutar as vozes do vento. As montanhas, as avós sábias (Krenak, 2020), se mantinham firmes assegurando que a terra aguentaria a fúria do vento. Assim, qual árvore remexida pelo vento e protegida pelas avós montanhas, com asas abertas em voo e atenta à existência do que fragiliza a vida, voltei a entrar em contato com certa escrita.

Quando entro na reta final do doutorado, me percebo com o corpo potente: não estou exaurida como, frequentemente, se fica nesse processo derradeiro. Daí passo a tentar mapear as forças presentes no percurso que poderiam ter encantado minha corpa<sup>4</sup> de tal modo. É importante explicitar que fui cotista e obtive bolsa de estudos no doutorado. Assim, pude dedicar maior parte do tempo à pesquisa e, em certa medida, ao trabalho enquanto psicóloga clínica. Contar com uma bolsa de estudos ~ principalmente nós, que viemos de origens materialmente empobrecidas, em estado de migração e não possuímos outro apoio financeiro que não o alcançado com o próprio trabalho profissional ~ é fundamental para que possamos nos dedicar com mais qualidade aos estudos. Outro dado significativo a ser considerado aqui, é a importância de se estar com uma

---

<sup>4</sup> Na construção da tese busquei questionar a adoção feita pela língua portuguesa que, sobremaneira, assume expressões no masculino. Em suma, tais expressões teriam o poder de aglutinar diferentes expressões (de vida) ao mesmo tempo em que mutilam diferenças para fazer caber no mundo que se quer comandado pelo patriarcado.

orientadora que acolhe eticamente os desafios, que significam: acompanhar na academia (espaço tão hostil às nossas presenças) uma ente<sup>5</sup> que tem certas pertenças e vem de determinados territórios; e potencializar as errâncias (de caminhos pré-determinados por outrem) compondo de modo a explodir com produções subjetivas que fazem nos sentir pequenas, sem capacidade de pensar e criar. Cecília Coimbra foi parceira potente no processo de explodir barragens aprisionadoras de fluxos autônomos de vida. E, além de tudo isso, havia algo(s) mais: como eu ensaio a escrita, com quem e com quais saberes/epistemes dialogo, de onde parto e como aciono conhecimentos que estão impressos na minha corpa, são substratos fundamentais para estar de um modo e não de outro no final do doutorado.

Precisei fazer um projeto de pesquisa para submeter ao processo seletivo de doutorado. Naquele momento, tinha forte em mim o interesse de escrever a partir do que mulheres de Palestina do estado do Pará/PA colocassem enquanto pistas, bem como priorizar produções de mulheres originárias e africanas como referências principais do trabalho. Essas escolhas decorrem de um percurso de pesquisa na academia feito de modo que fui me conduzindo (e/ou sendo conduzida) no rumo de promover movimentos de reapropriação da beleza e grandiosidade de nossas experiências enquanto entes amazônidas originárias, africanas, ribeirinhas, cabocas<sup>6</sup> e extrativistas ~ especialmente quebradeiras de coco babaçu ~; experiências essas que, por meio delas, determinada tecnologia de vida e rExistência ~ adubo esse que é precioso à manutenção da vida na mais alta força de criação ~ foi sendo forjada desde nossas/os ancestrais originárias e africanas.

No trabalho final da graduação, escrevi a respeito de transmissão geracional de traumas decorrentes da repressão à Guerrilha do Araguaia (Cardoso, 2011).<sup>7</sup> Apesar de pensar sobre possíveis efeitos em nós ~ pessoas da região do Araguaia ~ os pontos de partida teórico-vivenciais adotados por mim foram, então, produções clássicas/europeias sobre trauma e versão da Guerrilha contada por militantes de partidos de esquerda que tinham a si e seus parentes mortos e/ou desaparecidos, como principais afetados pela violência de Estado.

Ao longo do mestrado, fui percebendo que moradores da região do Araguaia eram tratados, tanto por certas militâncias de esquerda quanto por pesquisadores, apenas enquanto testemunhas da Guerrilha. À vista disso, fui tentando pensar sobre o porquê e como esse processo tinha se dado. Fui transitando por entre temas como classes sociais, migração brasileira, diferenças regionais e racismo. Como se dá o processo cujas pessoas de determinadas regiões e

---

<sup>5</sup> Propositamente afirmo a expressão ente no feminino de acordo com as ideias e provocações colocadas na nota 4.

<sup>6</sup> Escrito assim mesmo, como é falado e vivenciado por entes amazônicas que conhecem ou intuem os encontros raciais (originários e africanos) em grande parte dos que habitam a região e problematizam suas implicações.

<sup>7</sup> Guerrilha do Araguaia foi um movimento armado de resistência à Ditadura Empresarial-Militar no Brasil, acontecido na região Norte do país, microrregião conhecida como Bico do Papagaio (de fins da década de 1960 a meados de 1975). Ao perceberem ações suspeitas, as Forças Armadas seguiram em caçada aos/às militantes do Partido Comunista do Brasil (PCB) matando quase todos, assim como também moradores da região, a grande maioria desaparecida até hoje.

grupos raciais não são entendidas enquanto também sobreviventes e resistentes, pelo contrário, são silenciadas em suas dores e usadas apenas como quem tem algo a dizer sobre o outro? Como têm sido entendidas e tratadas populações de determinados espaços geográficos do país? O que acontece quando, por exemplo, certas populações do Pará, Piauí e Maranhão são brutalmente repreendidas pelo Estado e/ou por forças paramilitares de latifundiários (em sua maioria grileiros) e empresários? A população brasileira se interessa ou é afetada quando sabe que grupos fora dos grandes centros são mortos por essas forças, assim como quando pessoas de determinados grupos sociais do sudeste brasileiro sofrem represálias violentas em favelas?

Para pensar essas e outras questões fui mapeando quem somos nós e porque temos sido tão silenciadas em nossas dimensões de existir. Em decorrência dessas várias inquietações assumo o remo de nossa canoa e passo a localizar as origens raciais e étnicas daquelas/es que habitaram a região do Araguaia, bem como as/os que residem ali atualmente. A maior parte da população local tem traços corporais e costumes indígenas e africanos ~ historicamente tida (tanto pelo poder público quanto pelo privado ~ se é que há essa diferença no Brasil) enquanto “recurso” selvagem a ser explorado por quem apresentou maior ambição para tal.

É provável que a dimensão do interesse por tal mapeamento tenha ganhado maior urgência diante da percepção de ostensiva manifestação de práticas racistas no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF/Niterói (PPGP). Quando ingresso no mestrado, em 2016, logo se dá o movimento de ocupações de escolas e universidades, que alcança proporções nacionais. Estudantes e profissionais da educação se mobilizaram contra a aprovação da chamada “PEC do fim do mundo”<sup>8</sup> e “PEC do teto de gastos” (Cardoso, 2018). No contexto de Ocupação UFF, ocorreu a continuidade de estudos, votação e aprovação de Políticas de Ações afirmativas no PPGP.<sup>9</sup> Naquele espaço, nossa presença (negra, indígena, trans/travesti e com deficiência) era entendida, por determinadas profissionais do corpo docente, como ameaça à tão presada e suposta qualidade de ensino que o programa havia adquirido estudando SOBRE nossos corpos e vivências.

Meu corpo que passa a escrever desde então é uma corpa racializada nas feições amazônicas (marcadamente originária e africana) e sedenta por narrar nossas experiências enquanto sobreviventes e rExistentes da repressão à Guerrilha do Araguaia, bem como nossos saberes forjados na insistência em afirmar a vida em meio a diversas barbáries.

No doutorado, já estava mais encorpada. Compreendia que, para ser potente também (ou sobretudo) para mim, qualquer produção que eu fizesse precisava partir de saberes que me

---

<sup>8</sup> Proposta de Emenda Constitucional Nº 95 que previa o congelamento de investimentos em políticas ditas públicas, por 20 anos.

<sup>9</sup> Sobre esses temas, sugiro a leitura de minha dissertação e tese (Cardoso, 2018, 2022). Sugiro, ainda, a leitura da tese de Luiza Teles Mascarenhas (2018), *O pesquisarCOM como ato político nas licenciaturas: contribuições às práticas de ensino em psicologia*, e a de Vanessa Menezes de Andrade (2019), *O muleke e o Afrobetizar: Sankofa em dias de destruição*.

constituem enquanto mulher amazônida,<sup>10</sup> das margens do Araguaia e filha/neta/bisneta de quebradeiras de coco babaçu. Assim, priorizamos vozes/versões de mulheres que muito testemunham sobre a Guerrilha e demais assuntos também importantes, mas são pouco ouvidas quanto aos seus corpos sobreviventes e rExistentes.

Após ser aprovada no processo seletivo, minha primeira ação de pesquisa foi conversar com mulheres que tinham vivido a Guerrilha do Araguaia e pertenciam à primeira geração de moradores/as da cidade de Palestina do Pará/PA. Elas me diriam que rumo tomar na escrita, pensava. A ideia era seguir por um certo rio de vivências e de memórias ~ esse foi o método de pesquisa que experimentei no doutorado. A posteriori, viriam contribuições teórico-práticas sobretudo de mulheres originárias e africanas que poderiam compor com as riquezas que elas compartilhariam.

E por que priorizamos produções de mulheres? Lélia Gonzalez (2018), ao pensar os efeitos do racismo no Brasil, constata que os impactos da desqualificação racista se acentuam ainda mais quando se trata de mulheres negras. Acrescento à importante contribuição de Lélia que mulheres originárias sofrem mais ainda esses impactos, pois sequer existem no imaginário popular brasileiro como seres capazes de estar nos meios que não sejam as aldeias. Adotando como citações principais para pensar a respeito de nossas histórias enquanto nações originárias, africanas, amazônidas..., como afirma Conceição Evaristo (2018, p. 8), compomos “uma outra política de citação a partir de conhecimentos até então subjugados” e buscamos contribuir com o processo que questiona a lógica perversa do racismo epistêmico que, concordando com Raquel Barreto (2018), invalida todo e qualquer conhecimento que não seja Ocidental e branco ao ter a si mesmo (branco) como universal e neutro.

Assim, privilegiar certas pessoas/nações e epistemes, bem como promover seus textos entre mulheres negras e para além delas, é um ato político, afirma Conceição Evaristo (2018). Ato esse que adquire característica ético~política ao apostarmos na escrita pulsante desse texto costurando com certas linhas e tecidos, e não outros. Contribuições feitas por Conceição Evaristo (2018; 2020a), Paulina Chiziane (2013), Lélia Gonzalez (2018), Sueli Carneiro (2005), Sandra Benites (2018), bem como por demais mulheres das margens, questionam a lógica racista epistemicida<sup>11</sup> que determina quais vidas importam viver. Afirmando a potência da existência de seus povos, elas investem numa criação singular cujo chão~vivência é inspiração para o dançar das asas em voo. Na esteira dos atos de Maria Nova, personagem principal do

---

<sup>10</sup> Amazônida/o é a designação daquela/e que nasceu no estado do Amazonas e se entende pertencendo a uma teia complexa/diversa/rica enquanto um organismo que integra o meio. Geralmente, quem pertence ao território da Amazônia brasileira, compreendendo sua vinculação ética~estética~política com ele, também se autoneomeia como amazônida.

<sup>11</sup> Epistemicídio é uma formulação que Sueli Carneiro (2005) toma e amplia para pensar a operacionalização do racismo epistêmico. Ele consiste na eliminação, deslegitimação e inferiorização de determinados saberes em proveito de outros, escolhidos como referência. Portanto, o epistemicídio diz de práticas de adoção exclusiva de uma epistemologia moderna cristã ocidental pela qual, e apenas através dela, seria possível conhecer o mundo. As pretensões universalistas dessa visão etnocêntrica de conhecimento do mundo e de produção de sentidos, teve intenções de induzir modos de conhecimentos locais à inferiorização e ao extermínio de seus agentes (Cardoso, 2018).

livro *Ponciá Vicêncio* (Evaristo, 2017), muitas Marias também se veem como mulheres indígenas/originárias e negras/africanas, que podem ocupar funções e espaços DIVERSOS.

Ao longo dos anos de pesquisa na academia fui desassujeitando nossos saberes e os retirando cada vez mais da necessidade de pedir licença para considerados cânones com fins a, através de conhecimentos epistemicidas, traduzir os nossos. Desse modo, por privilegiar modos de conhecer e saberes produzidos, acima de tudo, por essas mulheres para pensar de corpo inteiro temas abordados na tese, não parti de formulações teóricas “descorporificadas”<sup>12</sup> feitas por autores (geralmente homens e brancos), que não tiveram nossas experiências. Eles geralmente são entendidos como “papas” e suas produções como clássicas (cânones) sobre determinados assuntos ~ o que torna, segundo uma lógica acadêmica dura/epistemicida, menção obrigatória. Muitas vezes, no entanto, essas mesmas referências são desqualificadoras de agentes (suas fontes de pesquisa) e saberes tradicionais, cujas formulações baseadas e subjugadas a teorias de cunho racista, classista e burguês, não provocam estranhamento algum.

De início, o posicionamento de querer sustentar as referidas pistas metodológicas intuídas vagamente (porém firmes), me causou certo constrangimento, por quiçá, significar desconhecimento acerca do que estava pesquisando e, também, meu despreparo para escrever uma tese. No entanto, no encontro com elas ~ seis mulheres moradoras de Palestina do Pará, entre 60 e 75 anos de vida ~, ao longo das conversas e, ao escrever as histórias, fui vibrando com riquezas que foram saltando e com o modo escolhido para pesquisar. Com elas, recordei costumes e aprendi muito. Nossos encontros não foram pautados por coleta de dados e não resultou numa escrita que tenha sido interpretação de informações. Pelo contrário, elas pensavam enquanto contavam, resignificavam experiências, as corpos se expandiam sob efeito do que experimentavam enquanto falavam e nos ofereceram ferramentas conceituais preciosas para ler determinadas vivências. Baseada no dizer de Rappaport (2007), afirmo que Petronília Maria da Silva, Josefa Bernardes Costa (nome fictício), Raimunda Alves dos Santos, Lisbela Maria da Conceição Silva, Elizabeth Alves Cardoso, Eliete Alves da Silva, Marcolina Gregário do Nascimento Santos e Maria Pereira Costa (Biria), foram/são coteóricas da pesquisa transformada em tese.

Alguns temas como escolarização, migração e sobrevivência na região foram instigados por mim ao longo de nossos encontros, no entanto, o que trouxeram foi muito além de dados para que eu, enquanto pesquisadora, pudesse interpretar. O que se seguiu aos encontros foi uma expressão nos termos de escrita que decorreu da afetação com eles. Eu expandia orgulhosa ali

---

<sup>12</sup> Gloria Anzaldúa (2021) questiona feministas que, ao invés de esperarem em sua escrita experiências dela, buscam por autores e teorias que Gloria nomeia enquanto descorporificas porque falam sobre experiências que eles não tiveram.

com elas e com a escrita do que compartilharam. Algumas vezes me levantei da rede, da cadeira ou do chão e exclamava maravilhada com a leitura que faziam das (nossas) experiências.

Ao narrar suas histórias, as mulheres de Palestina o fazem com postura ativa de quem está transmitindo e produzindo conhecimento. Não contam apenas por contar, pretendem também gerar efeitos naquelas/es que buscam ouvi-las. Algumas faziam comentários e esperavam por reações, produziam inquietações, por vezes queriam cúmplices do modo que aprenderam a viver enquanto mulher, por exemplo. Escrevendo com elas, afirmo uma escrita na qual mulheres de Palestina do Pará, nossas mais velhas e eu, em nossas labutas, somos produtoras de conhecimento ~ ou seja, não somos meras informantes e reprodutoras de conhecimentos prontos, acabados e desencarnados de nossas artes de existir. Enquanto pensadoras de corpo inteiro, o fazemos por um rio que é singular e os rastros de vivências compartilhadas não objetivam ser meras intimidades expostas e sim um “território existencial [...] onde através de nós fala uma multidão”, como bem sinaliza Paula Ribeiro (2017, p. 26) em sua belíssima tese. Um recurso, portanto, para afirmação de nossoS modoS diversos de existir, potente e criador, com múltiplos pontos de partida (Ribeiro, 2017, p. 26). A escrita, nesses termos, é tomada como meio de afirmação orgulhosa de nossas existências que não começam e nem terminam em nós.

Quais os possíveis efeitos de um ato como esse, de apropriação da escrita que tem sido historicamente usada para nos estigmatizar enquanto inferior, incapaz de aprendizagem, e fazer algo em diferença com ela? Além do efeito que já citei logo atrás, ou seja, enquanto pessoas originárias, africanas, ribeirinhas, cabocas, extrativistas... perceber e incorporar que detemos e produzimos conhecimentos; no campo dos usos e o queremos alcançar por meio da escrita ~ considerada expressão superior às demais, medida para grupos (auto)considerados superiores determinarem o grau de civilidade de determinadas populações ~, fazemos o papel falar (Veron, 2019) na língua dos povos originários e africanos, envergando-a para transmitir pensamentos/questionamentos/reivindicações a respeito do que é vital para a existência coletiva desses povos.

No exercício de fazer o papel falar nossos modos de ser e estar no mundo, fui escrevendo de modo mais solto e entusiasmado. Fez parte do processo parar a canoa numa curva e tocar em histórias que doem. Para mim foi irremediável não me aproximar delas e colocá-las em evidência. A prática genocida arquitetada pelo Estado contra nações originárias, assim como estratégias de silenciamento, são responsáveis pela autorização continuada, até hoje, da prática de barbárie contra elas ~ sem que saibamos ou estranhemos quando as notícias chegam até nós. Quando não sabemos, ou evitamos conhecer nossa história pelo ângulo desconsiderados inexistentes (vencidos), tendemos a reforçar versões genocidas e epistemicidas dos que se querem eternos colonizadores. Com tristeza imensa contei, na psicologia e para nós

profissionais psis, como colonizadores vêm tentando exterminar com nações originárias desde 1500 para se apossarem de suas terras, de mãos-de-obra de sobreviventes, seus conhecimentos sobre sobreviver e sobre o local invadido..., em suma, se apossarem de suas vidas.

As nações que habitavam a Pindorama<sup>13</sup> acolheram com entusiasmo os viajantes que chegaram em 1500. Estavam fedidos e doentes, pois estiveram em alto mar por aproximadamente um mês. Os habitantes locais os receberam, cuidaram deles, os alimentaram e os ensinaram a como viver naquelas terras (Krenak, 2019). Através de cartas, Pero Vaz de Caminha (1500) ilustra que a relação pautada por essas nações ~ ou seja, pela confiança, alegria em acolher e compartilhar saberes com o diferente ~ foi sempre lida pelos forasteiros colonizadores como postura daquele que é ingênuo, portanto, passível de ser dominado facilmente. Nos termos colonizadores, sem resistência, teriam dominado terras e súditos para a Coroa; os supostos súditos, por sua vez, haveriam de proporcionar muita riqueza a ela. Quando os portugueses perceberam a ameaçada de invasão francesa e holandesa (por volta de 1530), decidiram por colocar em ação o projeto de colonização sem disfarces (Viezzler; Grondin, 2021).

Almejaram o extermínio de corpos e da existência de sobreviventes ~ permitir a permanência desses poderia significar ter que lidar com revoltas e retomadas de territórios físicos e existenciais como costumes, culturas, espiritualidade, viver enraizadas e sendo filhas da terra, sem relação de exploração e geração de lucro... Quiseram integrá-las/los como escravas da Coroa Portuguesa. Vestidas e habitando colônias e vilas administradas pela Corte, não seriam mais consideradas “índias”; portanto, sem direito a terras.

No entanto, a história de nações originárias da Pindorama é, sobretudo, de rExistência às forças que quiseram sua aniquilação e/ou exploração. Além da estratégia adotada por algumas nações de permanecer e enfrentar a ordem perversa imposta, sobreviventes dessas e de outras nações decidiram adentrar as matas. Por conhecê-las bem, elas acolheriam entes no processo de busca de refúgio para sobrevivência e afirmação de suas existências. As matas, os animais, sabedorias sobre as florestas e suas forças criadoras/transformadoras foram aliadas vitais para que hoje nações estejam vivas e atuantes entre nós. Animais considerados pelos exploradores como peçonhentos, e aqueles de grande porte, atacaram os desavisados da ciência das matas. Como bem sabemos, com o passar dos séculos de colonização, com o avanço predatório sobre as matas, muitas nações foram encontradas. No entanto, não sem rExistência têm afirmado seus modos de estar no mundo nas florestas ou nas cidades (após terem sido expulsas de seus lugares de origem). Movimentos de retomada de territórios físicos (terra e

---

<sup>13</sup> Antes da invasão portuguesa os Tupi-Guarani assim chamavam o território hoje conhecido como Brasil: Pindorama, a “terra das palmeiras”.



corpo) e culturais/espirituais/costumes têm se intensificado nos últimos anos pela Pindorama e também pela Abya Ayala.<sup>14</sup>

Decorrente do ato de tocar nessas feridas (tanto de nações originárias da Pindorama, quanto africanas) para que saibamos de parte de nossa história, cuidadosamente atacada e silenciada, entrar em contato com forças/estratégias ancestrais que inspiraram e conduziram nossos povos para sobreviver aos projetos bárbaros de colonização racista. É um ato, portanto, que dá passagem a processos de cura; isto é, cura enquanto encantamento da vida que se dá em meio ao refazimento de ligações ancestrais com a dimensão selvagem em nós ~ nossa corpa~terra~território (Cardoso, 2022).

### **Considerações possíveis de um breve percurso feito por determinado rio**

Enfim, consegui fazer uma pausa no texto. Como já podem ter percebido, tenho certa dificuldade para fazer subtítulos, algo que prezo bastante enquanto leitora. É uma estratégia que ajuda bastante a leitura, não há dúvida.

Informo que, atualmente, enquanto escrevo esse artigo, por exemplo, minha dificuldade para por aí: em fazer subtítulos, fazer pausas para concluir ideias, retomar o trajeto feito e daí seguir adiante. Assim como no período final do doutorado, me sinto tranquila e gostando, me contagiando com o que se escreve através de mim, em como minha corpa está se expressando através dessa tecitura. Lembro-me agora de nossas mais velhas, com as quais escrevi a tese. Na medida em que iam falando a respeito de suas estratégias de vida, dos conhecimentos que haviam adquirido/atualizado/ampliado, elas cresciam fisicamente também, queriam contar mais. No rosto delas havia aquele sorrisinho de canto de boa como se tivesse se dando conta da beleza e da importância de tudo aquilo. Estou arrepiada agora enquanto vou lembrando da expressão de cada uma delas. Ou seja, trata-se de um compartilhamento capaz de contagiar não apenas quem escuta e sim, sobretudo, quem conta a história.

A escrita que decorre desse processo de conexão e enraizamento no chão que nos fecundou, envolvimento com epistemes cuja centralidade é a relação com a Mãe-Terra, tem cor, cheiro, sabor, textura. Por meio dela, fazemos o papel falar documentando nossas histórias, modos de existência e rExistências. Ela tem lado (como nenhuma escrita, ela não é neutra), é uma defesa intransigente por autodemarcação, pela demarcação de terras de nações originárias, quilombolas e de extrativistas; pela democratização da terra para quem quer nela viver (de modo harmônico com ela) e produzir alimentos para nutrir seu coletivo, obter renda e, com isso, sustentar um existir autônomo no mundo, diante das forças opressivas e predadoras do Estado;

---

<sup>14</sup> Na língua do povo Kuna, originário do norte da Colômbia, essa expressão significa “Terra Viva”, “Terra em florescimento”. Abya Ayala é a região correspondente ao que se conhece como América Latina (nome dado em homenagem ao colonizador Américo Vespúcio).

com efeito, ela se opõe a atentados contra tudo que ameaça a vida autônoma, como é o PL 490 (Brasil, 2007), o Projeto de Lei do Marco Temporal que considera território originário apenas aqueles ocupados no período da implantação da Constituição Federal de 1988; e enfim, é um reconhecimento da grandeza das sabedorias forjadas por nossas entes e uma homenagem amorosa às nossas ancestralidades (Cardoso, 2022).

A Escrivivência de Conceição Evaristo (2020a) foi e é ferramenta preciosa para fazer da escrita, instrumento que faz me nutrir e me transformar junto com ela. Desde o contato com essa ferramenta, enquanto corpo coletivo, não escrevo a partir de fora e para fora ~ das determinações do mundo branco e para ele ~; não tenho mais a necessidade de decifrar qualquer constructo teórico para me sentir ser pensante como o mundo branco diz que tem de ser; sei que, para um texto ser rico, não precisa partir e caber em formulações teóricas desse mundo que nos matou (esvaziou de vida), nos dessecou e depois afirmou saber tudo sobre nós (inclusive que não éramos gente, não tínhamos alma, éramos incapazes de aprendizagem, tínhamos propensão ao crime...).

Conceição Evaristo (2020b) afirma que a Escrivivência se confunde com sua experiência enquanto mulher preta na sociedade brasileira e ecoa as vozes de tantas/os afrodiáspóricas/os. Ou seja, não se trata de uma escrita de si, como ela sempre repete. É a expressão de todo um povo que vem sendo atacado por práticas racistas e que, através de certa ferramenta, rompe com máscaras de silenciamento/assujeitamento. Em suas diversas criações, Conceição Evaristo recupera dimensões que tentaram extirpar do povo africano através do racismo, com fins ao genocídio e ao epistemicídio, criminalização e exploração predatória. Da leitura dos textos dessa grande e querida autora, assim como de diversas/os autoras/es que têm adotado esse instrumento, saímos mais inteiras porque ela nos convoca a conhecer nossas histórias, a ter mais disposição para nos acolher enquanto coletivo detentor de belezas, imensas tecnologias de potencialização de vida.

No final da tecitura da tese e, agora, no final deste texto, me percebo com o corpo feito corpa vibrando, repleta de vida, nutrida, em expansão, fluindo, enraizada em nossas terras e águas, com asas ávidas de ares, orgulhosa de nossas trajetórias, orgulhosa de nós. As águas afetadas desse modo decorrem do que Maya Angelou (2019) chamou de efeito do encontro com sua casa, com suas raízes; ou seja, com o lugar de pertença. Os sentidos voltados para onde vim, diz ela, fará me admirar “com as montanhas que escalei, os rios que atravessei e os desafios que ainda me esperam pela estrada” (Angelou, 2019, p. 89). Essa casa não está lá atrás intacta e parada no tempo, o processo de escrita de nossas vivências tem o poder de mobilizá-la, atualizá-la e encantá-la. Em ribeirinhagem, acompanhando e vivendo um rio amazônico

(originário e africano), em escrita conjunta com nossas mais velhas e escritos feitos, preferencialmente por mulheres, facilitamos fluxos capazes de renovar as águas de nosso rio.

### Sobre a autora

*Áurea Alves Cardoso*

 <http://lattes.cnpq.br/9261671609818895>

Amazônida, do Araguaia paraense; bisneta, neta e filha de quebradeiras de coco babaçu; mestra e doutora em psicologia pelo PPGP-UFF (Estudos da Subjetividade).

### Como citar este artigo:

#### ABNT

CARDOSO, Áurea Alves. Sobre escrita (na academia) que refaz nascentes. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 17, e58665, 2024. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a58665>

#### APA

Cardoso, Á. A. (2024). Sobre escrita (na academia) que refaz nascentes. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 17, e58665. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a58665>

### Copyright:

Copyright © 2024 Cardoso, Á. A. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2024 Cardoso, Á. A. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

### Editora responsável pelo processo de avaliação:

Luiza Rodrigues de Oliveira

### Referências

ANDRADE, Vanessa Menezes de. **O Muleke e o Afrobetizar: Sankofa** nos dias de destruição. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: [http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2023/11/2019\\_t\\_Vanessa\\_M\\_Andrade.pdf](http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2023/11/2019_t_Vanessa_M_Andrade.pdf). Acesso em: 26 jun. 2024.

ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Sobre o processo de escrever borderlands/la frontera. In: \_\_\_\_\_. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021. p. 151-171.

BARRETO, Raquel. Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. p. 12-27. Introdução.

BENITES, Sandra. **Viver na língua Guarani Nhandeva (mulher falando)**. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.  
[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5614290](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5614290)

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 490/2007**. Transformado na Lei Ordinária 14701/2023. 2007. Disponível em:  
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=345311&fichaAmigavel=nao>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. Belém: UNAMA. Disponível em:  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=17424](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17424). Acesso em: 27 maio 2023.

CARDOSO, Áurea Alves. **Transmissão psíquica geracional de traumas decorrentes da Guerrilha do Araguaia**. 2011. Monografia (Graduação em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CARDOSO, Áurea Alves. **Um rio de memórias, experiências e vivências: Guerrilha do Araguaia**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: [http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2018\\_d\\_AureaAlvesCardoso.pdf](http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2018_d_AureaAlvesCardoso.pdf) . Acesso em: 30 maio 2023.

CARDOSO, Áurea Alves. **Mulheres do Araguaia ~ LABUT(AR), uma expressão do viver**. 2022. 352 f. Tese (Doutorado em Psicologia)– Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: [http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2023/02/2022\\_t\\_AureaAlvesCardoso.pdf](http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2023/02/2022_t_AureaAlvesCardoso.pdf) . Acesso em 30 maio 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. <https://repositorio.usp.br/item/001465832>

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...** Por uma nova visão do mundo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vivêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Em legítima defesa. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. p. 03-06.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p.26-46.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 48-54.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. **Negros são os que mais morrem por COVID-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>. Acesso em: 19 maio 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras:** Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018

INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA. **Indígenas foram mais infectados pela COVID-19 e tiveram menor cobertura vacinal.** 26 jul. 2022. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/>. Acesso em: 27 maio 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MASCARENHAS, Luiza Teles. **O pesquisarCOM como ato político nas licenciaturas:** contribuições às práticas de ensino em psicologia. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: [http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2018\\_t\\_LuizaTelesMascarenhas.pdf](http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2018_t_LuizaTelesMascarenhas.pdf). Acesso em: 26 jun. 2024.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 43, p. 197-229, enero-dic. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1050/105015277007.pdf>. Acesso em: 28 maio 2023.

RIBEIRO, Paula de Melo. **Empreendedorismo social e capitalização da vida:** narrativas sobre a gestão da criminalidade e fagulhas de resistência. 2017. 191 f. Tese (Doutorado em Psicologia)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: [http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2017\\_t\\_Paula.pdf](http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2017_t_Paula.pdf). Acesso em: 30 maio 2023.

VERON, Valdelice. **Tekombo'e Kunhakoty:** modo de viver da mulher Kaiowa. 2019. 42 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)–Universidade de Brasília, 2019. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/34048>

VIEZZER, Moema; GRONDIN, Marcelo. **Abya Yala!** Genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas. Rio de Janeiro: Bambual, 2021.